

Desinformação, pós-verdade e a ciência do absurdo – análise do canal “Ajuda para Vacinados” do Telegram¹

Dayranny da Silva Amorim Cota²
Grazielly Aparecida Dobis Marangon³
Mariana do Nascimento Silva Viana⁴
Sarai de Oliveira Brauna⁵
Laura Seligman⁶

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

RESUMO

Esta pesquisa procurou identificar as estratégias usadas pelo canal Ajuda para Vacinados, do Telegram, para disseminar desinformação científica sobre a vacinação e tratamentos contra a Covid-19. Como técnicas metodológicas usamos a Análise de Conteúdo, segundo Krippendorff (1990) e categorias sugeridas por Wandle (apud Santaella, 2019). Os resultados de análise de 102 posts feitos em 30 dias, além dos sites relativos a essas postagens mostram uma prevalência de uso de pseudociências e de conteúdo enganoso propositalmente elaborado para desinformar e causar dano, além do uso de linguagem científica sem explicação numa tentativa de qualificar e credibilizar o conteúdo. Também foi identificado o uso de fontes que se apresentavam como científicas para ludibriar o leitor das mensagens.

PALAVRAS-CHAVE: Desinformação; Fake News; Telegram; Vacina; Covid.

A pandemia da Covid-19 foi paradoxal para o Brasil – ao mesmo tempo em que já contávamos com um vasto e eficiente programa de vacinação, nos tornamos um dos países em que a desinformação a respeito das vacinas mais circulou. Segundo o Ministério da Saúde, já houve 39.168.245 casos confirmados com 715.026⁷ mortes. Em 11 de março de 2020, quando a pandemia foi declarada pela Organização Mundial da Saúde – OMS, o então Presidente da República, Jair Bolsonaro, desdenhou dos efeitos da doença, minimizando os perigos que ela representa. O próprio Presidente fez circular frases que se tornaram famosas, como “é só uma gripezinha” e a recomendação de remédios e tratamentos sem eficácia cientificamente comprovada, além de desencorajar a vacinação. Ao mesmo tempo, cientistas no Brasil e no mundo todo buscavam tratamentos e desenvolviam vacinas que pudessem conter o avanço da contaminação e das mortes.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 04CO Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente em cenário de desinformação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS e pesquisadora do grupo Comunicação e Educação Midiática, email:

³ Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS e pesquisadora do grupo Comunicação e Educação Midiática, email:

⁴ Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS e pesquisadora do grupo Comunicação e Educação Midiática, email:

⁵ Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS e pesquisadora do grupo Comunicação e Educação Midiática, email:

⁶ Professora do Curso de Jornalismo da UFMS e líder do grupo Comunicação e Educação Midiática, email:laura.s@ufms.br

⁷ Dados de 18/02/2025 <https://covid.saude.gov.br/>

Esses movimentos eram desacreditados por grupos negacionistas que se manifestavam presencialmente (apesar das recomendações de não-aglomeração) e de forma virtual, principalmente por meio das mídias sociais e suas redes. Essa disputa de narrativas (Hjarvard, 2014) faz parte de um processo de midiaticização. “Os fluxos informativos e a cultura midiática assumem centralidade nos modos de percepção, leitura e construção social da realidade” (Fernandes et al, 2021, p. 54).

Aqui se tece uma crítica ao modo como as informações circulam na sociedade atual, especialmente nas redes sociais e na mídia digital, onde há uma produção coletiva de conteúdos que, muitas vezes, prejudica a qualidade das informações. Em vez de refutar diretamente os resultados científicos, essa dinâmica propaga a ideia de que há várias opiniões sobre um tema, dando a impressão de que todos os pontos de vista possuem o mesmo valor, o que relativiza o que se entende por verdades científicas. Isso gera um efeito de relativismo epistemológico, enfraquecendo a autoridade da ciência e dificultando a distinção entre informações confiáveis e desinformação.

As *fake news* e a era da pós-verdade

As chamadas *fake news*, ou desinformação, definitivamente não são uma novidade. A mudança do espaço público e da formação de opinião com as redes digitais acelerou esse protagonismo. Hoje todos podem alternar o papel de emissor ou receptor nesse novo ambiente. Segundo Santaella (2019), essa conexão permanente tem seu preço: circulação abusiva pela internet de notícias falsas e a formação de bolhas (ou câmaras de eco), informação viciada e crenças inamovíveis – o que configura o que se chama de era da pós-verdade.

Perosa (2017) afirma que as notícias falsas são o império da pós-verdade por três fatores: alta polarização política em desfavor do debate racional e do consenso, causando nervosismo e tumulto; descentralização da informação por meio da Internet; e ceticismo do público em relação a instituições políticas e democráticas e provocação por meio de notícias falsas, de desconfiança em relação às mídias tradicionais.

Metodologia

A coleta se deu de 01 a 30 de setembro de 2024. Ao final do período foram contabilizadas 102 mensagens, incluindo algumas repetições. No período de análise do material selecionado foram utilizadas as técnicas da Análise de Conteúdo (AC) segundo Krippendorff (1990). As técnicas ajudam a sistematizar o conteúdo por meio de classificação para verificar a prevalência de algumas características que representem

aquele texto. As categorias usadas nesta pesquisa foram adaptadas de Santaella (2019) que originalmente sugere as seguintes conforme Wandle (apud Santaella, 2019, p.35): Sátira ou paródia que, embora não tenha a intenção de causar mal, tem potencial para enganar; Conteúdo enganoso utilizado contra um assunto ou pessoa; Falso contexto quando um conteúdo genuíno é inserido num contexto falso; Conteúdo impostor, quando é colocado na boca de fontes pessoais ou coletivas informações que não são suas; Conteúdo manipulado, informação verdadeira manipulada para enganar o público; Conteúdo fabricado, inteiramente falso, construído com o intuito de desinformar e causar dano.

Na adaptação, excluímos a primeira categoria (Sátira ou paródia), pois não apareceu na coleta, e incluímos outras três conforme nossa observação a posteriori: Uso de Pseudociência, Uso de linguagem científica sem explicação e Conteúdo Verdadeiro.

Descrição e análise de dados observados

Quanto à prevalência de fontes nos 102 posts analisados, a maioria tem origem em dois sites – Planeta Prisão (48) e DNA Reverse (20). O primeiro pertence ao dono do canal Ajuda para Vacinados e diretor de redação do site, Carlos Ventura. O site DNA Reverse é de propriedade de Antônio Magalhães. Os posts desse canal e sua distribuição seriam uma forma de atrair público para os sites, onde há os textos completos e inclusive lojas virtuais para vender assinatura do site (para acesso a textos exclusivos) e outros produtos curiosos como boné antirradiações (R\$109,00) e ainda colares e pedras que desempenhariam a mesma função.

De uma forma geral, os textos dos posts usam a estratégia de citar fontes supostamente qualificadas por sua profissão ou origem, como médicos do exterior ou instituições também desconhecidas do público em geral, mas que ganhariam status de verdade com essas referências. É o caso de citações de médicos negacionistas do exterior e em outros casos, atribuições de falas de forma enganosa a outros especialistas, como, por exemplo o post “De-spike natural – um guia de recuperação do oncologista..”, que cita como fonte William Makis, médico canadense negacionista. Ou o vídeo sobre um “estudo recente mostra nanorrobôs automontáveis nas vacinas covid-19”. Atribuído ao suposto Dr. Greg Reese, na verdade esse “especialista” já foi carpinteiro, músico, cineasta e escritor, e artilheiro na marinha dos EUA. Ou seja, não há formação científica para sustentar sua

tese de que as vacinas estariam inserindo nanorrobôs automontáveis no sistema circulatório para o controle da humanidade, como afirmam.

O canal também cita, frequentemente, a Fundação Gates (do ex-CEO da Microsoft, Bill Gates), como uma instituição que faz pesquisas para inserir esses instrumentos de manipulação na humanidade. É o caso do post em que a fundação “admitiria” fabricar uma vacina antimetano, e outro, por exemplo, “Fundação Gates admite que ivermectina cura ‘Câncer turbo causado pelo homem’”. O nome Gates entra aqui como reforço de procedência, já que se trata de um nome reconhecido, mas também como parte da teoria conspiracionista de que grandes corporações estariam contaminando propositalmente a humanidade, inclusive com a afirmação de que teriam um “plano de despovoamento para bilhões de humanos” capitaneado pela elite global.

No link “sobre o Planeta Prisão”, o autor deixa clara a origem de suas teorias. Ele passou a escrever durante a pandemia (que ele chama de fraudemia) e denuncia o que chama de “as fraudes de controle da humanidade pela Nova Ordem Mundial”. Como se não bastasse, faz referências antissemitas bem conhecidas ao afirmar que “as tentativas de controle e manipulação da humanidade se iniciaram a partir da família Rothschild desde 1776” e ao citar o livro proscrito “Os protocolos dos sábios de Sião”. Outras estratégias de tentar legitimar uma desinformação é a atribuição a “estudos”, “pesquisas” ou publicações científicas.

Quanto às estratégias usadas para tentar dar veracidade às desinformações publicadas, identificamos o uso de pseudociências (88) e conteúdo enganoso utilizado contra um assunto ou pessoa (86) como as mais frequentes. É o caso, por exemplo, do post que indica o “azul de metileno com energia escalar – indicação de frequências para remoção de bots”, no qual os autores afirmam que esse corante muito usado na química e na biologia removeria os tais nanorrobôs inseridos no corpo humano por meio de vacinação. Outros posts afirmaram que compostos químicos como a Ivermectina (remédio usado para combater parasitas e vermes) e o Fembendazol, (comumente usado para combater parasitas em cães) poderiam tratar o “câncer turbo induzido pela vacina de MRNA, mas o complexo médico industrial não quer que seja revelado. Em terceiro lugar nas estratégias de legitimação da desinformação veio o conteúdo fabricado, inteiramente falso, construído com o intuito de desinformar e causar dano. Como exemplo, escolhemos o post em que os autores do site prepararam um “beabá para picado leigo”, ou seja, como proceder se você foi vacinado.

Em quarto lugar ficou a estratégia que mais parece paradoxal – apesar de desdenhar de conhecimento científico, os autores usam linguagem científica sem explicação alguma, talvez na tentativa de qualificar o discurso, mesmo que o receptor não compreenda bem o que está sendo dito. É o caso do post “Acetilcisteína limpa toxinas das vacinas de MRNA (Grafeno e Proteínas spike)”. A acetilcisteína é um remédio expectorante (para a tosse e eliminação de secreção) e, na perspectiva dos autores do site, serviria para eliminar as toxinas da vacina da Covid (MRNA é a sigla para RNA mensageiro, ou melhor, feita a partir de material sintético e não de componente vivo ou atenuado, como informa a empresa Pfizer em seu site).As tais toxinas seria o Óxido de Grafeno (nanomaterial costumeiramente aplicado em equipamentos de energia e ainda aplicações médicas) e Proteínas Spike (presente no sars-cov-2, vírus causador da covid-19, que permite a entrada desse vírus em algumas das células do organismo, o que leva ao desenvolvimento da doença) . Os termos usados não são usuais para o leitor comum, o que acaba referendando a desinformação divulgada.

Outra estratégia é a do Conteúdo impostor, quando é colocado na boca de fontes pessoais ou coletivas informações que não são suas. É o caso do post “A confiança nos médicos e hospitais diminuiu nos EUA desde a pandemia da Covid”, atribuído ao Journal of the American Medical Association. A informação é verdadeira, mas tirada de contexto, já que ela não se refere diretamente à vacinação como causa. Esse post também se enquadra em outra estratégia, a que usa conteúdo manipulado, informação verdadeira manipulada para enganar o público e a de “falso contexto quando um conteúdo genuíno é inserido num contexto falso”. A última e menos frequente das estratégias é a que usa conteúdo verdadeiro, como o post que divulga a informação que “pesticidas comuns não podem ser removidos da fruta”. A informação é verdadeira, mas não se relaciona com vacinação ou com Covid de maneira alguma. Supomos que ela tenha sido usada para referendar a informação de que o solo e a comida estejam sendo envenenados por uma conspiração liderada por elites internacionais.

Considerações finais

O canal "Ajuda para Vacinados" no Telegram, analisado neste estudo, revela um exemplo claro de como a desinformação, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19, se dissemina através de estratégias bem estruturadas que buscam manipular a opinião pública. Por meio da combinação de conteúdos pseudocientíficos, distorção de dados científicos, e a utilização de figuras de autoridade de maneira enganosa, o canal propaga

narrativas que reforçam teorias conspiratórias, muitas vezes com o intuito de atacar a ciência e a confiança nas instituições. A análise de 102 mensagens postadas no canal permitiu identificar a predominância de fontes e estratégias que validam essas narrativas falsas. Entre as mais recorrentes estão o uso de pseudociência e a criação de conteúdo enganoso, como a manipulação de informações científicas para construir um discurso que favoreça uma visão distorcida da realidade.

A desinformação analisada aqui não é apenas um fenômeno isolado, mas faz parte de um movimento maior, em que o apelo à emoção e à crença pessoal substitui os fatos objetivos na formação da opinião pública. O canal "Ajuda para Vacinados" usa o medo e a desconfiança em relação às vacinas como um pretexto para reforçar teorias da conspiração, muitas vezes com intuito de polarizar ainda mais a sociedade. Esse comportamento ressoa, de certa forma, com o que Chomsky (2014) e Klim (2018) afirmam sobre a manipulação da informação, em que a mentira repetida incessantemente pode se tornar verdade para uma parte significativa da população. Uma das principais conclusões deste estudo é que a desinformação não é apenas um problema de quem a cria, mas também da forma como as redes sociais amplificam esses conteúdos. O algoritmo das plataformas favorece a propagação de mensagens emocionais e polarizadoras, o que torna ainda mais urgente a necessidade de educação midiática.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. *Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques*. Media & Jornalismo. Coimbra – Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- FERNANDES, Carla Montuori; DE OLIVEIRA, Luiz Ademir; GOMES, Vinícius Borges; CHAVES, Fernando de Resende. *Negacionismo científico: análise da repercussão no twitter acerca da vacina do covid-19*. PRISMA.COM (45) 2021, p. 52-63 DOI: <https://doi.org/10.21747/16463153/45a4>
- HJARVARD, Styg. *A midiatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS. 2014
- KLIM, Max. *Propaganda Goebbels: Paul Joseph Goebbels. Biografia, foto, vida pessoal*. Estocolmo: Ridero, 2018.
- KRIPPENDORFF, K. *Metodologia de análisis de contenido: teoria e práctica*. Barcelona, Ediciones Paidós, 1990.
- SANTAELLA, Lúcia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri-SP: Estação das letras e cores, 2019.